

A MULTIDIMENSIONALIDADE DO OBJETO RADIOFÔNICO: CAMINHOS PARA COMPREENDER O DEBATE

Debora Cristina Lopez¹

Luã José Vaz Chagas²

O consumo de rádio no Brasil tem demonstrado a importância desse mercado na ecologia de mídia que envolve desde o investimento na área até o debate sobre as perspectivas do meio como uma instituição social no cenário democrático. Na atualidade é preciso pensar as múltiplas dimensões do rádio que se torna expandido (KISCHINHEVSKY, 2016) e hipermidiático (LOPEZ, 2010) e se desenvolve tanto no dial, como no online em uma diversidade de plataformas que vão dos agregadores de podcast às smart speakers (KISCHINHEVSKY e LOPEZ, 2019).

O que deixa claro no crescimento do consumo está nas pesquisas que analisam o mercado. O Book de Rádio da Kantar Ibope de 2021 é um dos exemplos que mostram um crescimento de dois pontos percentuais em relação a 2020 com 80% de ouvintes nas 13 principais regiões metropolitanas do país³. Nestas praças, três a cada cinco escutam rádio todos os dias com um tempo médio de escuta de 4h26 entre abril e junho de 2021.

¹ Debora Cristina Lopez é Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia. Desenvolve estágio pós-doutoral na Universidad de Extremadura (Espanha). É professora da graduação em Jornalismo e do PPGCOM da Universidade Federal de Ouro Preto e do PPGCOM da Universidade Federal do Paraná. Coordena o Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora na Intercom e o Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (ConJor) na UFOP. debora.lopez@ufop.edu.br | <https://orcid.org/0000-0002-1030-1996>

² Luã José Vaz Chagas é Doutor em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) com estágio doutoral sanduíche na Universidad Complutense de Madrid. É professor da graduação em Jornalismo na Faculdade de Comunicação e Artes e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Mato Grosso. Coordena a Rede Nacional de Pesquisadores em Radiojornalismo (RADIOJOR) da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJOR). luan.chagas@ufmt.br | <https://orcid.org/0000-0002-2491-8479>

³ Book Kantar Ibope Inside Rádio 2021. Disponível em: https://www.kantaribopemedia.com/wp-content/uploads/2021/09/INSIDE-RADIO-2021_Kantar-IBOPE-Media.pdf. Acesso em junho de 2022.

Com a diminuição nas restrições impostas pelo isolamento de 2020 para 2021 houve um aumento no número de ouvintes no carro (18% em 2020 para 20% em 2021) ou no trajeto de trabalho (5% em 2020 para 8% em 2021) e uma queda no número daqueles que escutam somente em casa (78% em 2020 para 71% em 2021). O rádio comum (80%) ainda é o principal dispositivo de escuta, seguido do celular com 25%. Nesse aspecto, o relatório Data Stories⁴, também da Kantar Ibope Media, apontou um crescimento de 186% no consumo de rádio online entre 2019 e 2021.

No consumo online é interessante perceber que para 28% dos entrevistados ouvir na internet mudou a forma com que se escuta rádio. Ainda que 12% tenham a preferência por dispositivos como computador e celular conectados a alguma rede para ter acesso às emissoras, o crescimento de 186% impacta diretamente tanto na escuta radiofônica quanto na escolha pelas plataformas de podcasts. Com a maioria do público utilizando o celular para esse tipo de consumo, 86% dos entrevistados possuíam algum tipo de aplicativo de rádio e 28% destes também tem os podcasts como formas de escuta diária de conteúdo em áudio.

Os dados reforçam a importância de pensar as dimensões do meio como uma instituição (GAMBARO, 2019; MEDITSCH, 2010) e como um fenômeno. Nos últimos 30 anos de produções acadêmicas sobre rádio no Brasil, o Grupo de Rádio em Mídia Sonora da Intercom é um espaço agregador e difusor de reflexões que impactam diretamente na percepção sobre o que caracteriza os estudos na área na atualidade. E esse é o objetivo deste dossiê que nasceu a partir da realização do IV Simpósio Nacional do Rádio organizado em 2021 pela Universidade Federal de Mato Grosso. O evento realizado a cada dois anos pelo GP Rádio e Mídia Sonora teve como eixo temático central a democracia e a cidadania nas ondas sonoras.

Olhar para os elementos que compõem a linguagem sonora, como o silêncio, a palavra, a música e os efeitos (BALSEBRE, 2007), também implica pensar nas formas de utilização em um momento de crises institucionais e sucessivas ameaças ao estado

⁴ Data Stories: <https://www.kantaribopemedia.com/data-stories-21-radio-online-o-som-do-novo/>. Acesso em junho de 2022.

democrático de direito. O contexto que aponta Ferraretto (2022) no texto que abre esse dossiê analisa o cenário atual e ao mesmo tempo nos coloca um desafio de pensar aquele que seria um tipo ideal dos exercícios de outorgas por emissoras comerciais.

Respectivamente, significa ter sempre como foco: (1) que a sociedade – em seus costumes, hábitos e tradições – é diversa e que tal diversidade precisa ser contemplada e respeitada; (2) que a construção da cidadania ampara-se em um amplo arcabouço jurídico – Constituição Federal, Código de Defesa do Consumidor, Estatuto da Criança e do Adolescente, códigos Civil e Penal, leis em geral... –, considerando a inclusão e os direitos humanos; (3) que a liberdade de expressão encontra-se regulamentada, sendo exercida dentro de determinados parâmetros em um ordenamento legal, considerando os poderes Executivo, Legislativo e Judiciário e prevendo um sistema eleitoral e partidário; e (4) que o financiamento das transmissões segue regras, independentemente de ser a emissora comercial ou sem fins lucrativos. Por óbvio, em uma situação modelar, interesses políticos e econômicos não podem subjugar a produção e a veiculação de conteúdo. (FERRARETTO, 2022)

Os desafios nos estudos radiofônicos se ampliam ao reconhecer o contexto mutante do qual Faus Belau (2001) indicava no início do século e que estão no entorno da compreensão das características e especificidades do meio na atualidade. O contexto da convergência (SALAVERRÍA e NEGREDO, 2008), da midiamorfose (FIDLER, 1997), da remediação (BOLTER e GRUSIN, 1998) que cercavam as compreensões na atualidade agora se intensificam nas lógicas da ecologia de mídia (SCOLARI, 2015), dos desafios da plataformização (POELL, NIEBORG e VAN DIJCK, 2020) e na necessidade de pensar estratégias que demonstrem as marcas locais no contexto da periferia, da cidadania e da descolonização dos conceitos e objetos de análise.

No Brasil, os estudos radiofônicos avançam em sua trajetória. Seguiram o caminho natural, começando com o esforço de pesquisadores que acreditavam no potencial do campo e reuniram-se, iniciando a articulação acadêmica hoje já consolidada (MOREIRA, 2005). Em sua primeira fase, as pesquisas apresentavam relatos de experiência e avançaram, aos poucos, integrando-se à formação universitária e de pós-graduação. Em relação aos fóruns de debates sobre o tema, o Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom, já com 30 anos de história, foi o primeiro (PRATA, 2021; ZUCULOTO, 2016). Seguiram-se a ele o Grupo Temático

História dos Meios Sonoros da Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia (Alcar), a Rede Radiojor da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), o Grupo de Interés Radio y Medios Sonoros da Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (Alaic) e o Grupo de Pesquisa Estudos Radiofônicos da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), além das colaborações internacionais, como a que originou a criação do Grupo de Trabalho Rádio e Meios Sonoros na Sopcom, em Portugal (MARTINS, 2015). A criação e consolidação dos grupos revela um perfil do campo, de desenvolvimento de produções coletivas (DEL BIANCO, ZUCULOTO, 2021).

Para além da ocupação de espaços nas entidades de pesquisa, estes grupos representam o avanço e a complexificação dos estudos de rádio e mídia sonora no Brasil. Refletem também o crescimento da presença da área na pós-graduação e a consequente formação de novos pesquisadores (KISCHINHEVSKY et al, 2021; HAUSSEN, 2016). Se, como dissemos, os estudos radiofônicos iniciaram-se com relatos de experiência, passaram depois a investir nas pesquisas históricas, nos estudos de caso, nas análises de conjuntura, na compreensão e afetação das políticas públicas nacionais, no ensino, no desenvolvimento conceitual (MEDITSCH, 2005; MEDITSCH, 2001; MEDITSCH, ZUCULOTO, 2008) e na proposição metodológica (KISCHINHEVSKY et al, 2017; PRATA, BIANCO, 2016; LOPEZ, ALVES, 2019; JÁUREGUI, LOPEZ, 2021). Hoje, questões como o olhar multidimensional do fenômeno sonoro e do objeto radiofônico estão no centro das atenções - não com o propósito de definir o que é ou não rádio, mas de entender seu potencial como fenômeno de pesquisa.

O verbete rádio na Enciclopédia Intercom de Comunicação o define como um “meio de comunicação que transmite, na forma de sons, conteúdos jornalísticos, de serviço, de entretenimento, musicais, educativos e publicitários” (FERRARETTO, KISCHINHEVSKY, 2010). É possível pensar o meio também por seu aspecto tecnológico na transmissão hertziana que demanda da emissão de ondas eletromagnéticas quando pensada no AM ou FM (FERRARETTO, 2001). Já fora do dial, a compreensão sobre linguagem sonora foi ampliada nas últimas duas décadas.

Os debates sobre os conteúdos da webrádio e da radiomorfose (PRATA, 2012) provocaram questionamentos sobre a percepção dos meios que levaram a um entendimento de que rádio é o que a sociedade entende como tal. No contexto atual, os conceitos de rádio expandido (KISCHINHEVSKY, 2016) e hipermediático (LOPEZ, 2010) permitem enxergar para além de muros que cercam o meio em caixas conceituais identificando as diferentes modalidades de circulação e escuta.

José Luiz Fernandez (2008) também alerta para essa necessidade de compreensão das diferentes “linguagens radiofônicas” na perspectiva que Balsebre (2007, p. 27) já apontava quando caracterizou a linguagem radiofônica: “conjunto de formas sonoras e não-sonoras representadas pelos sistemas expressivos da palavra, a música, os efeitos sonoros e o silêncio, cuja significação é determinada pelo conjunto dos recursos técnico-expressivos da reprodução sonora e o conjunto de fatores que caracterizam o processo de percepção sonora e imaginativo-visual dos rádio-ouvintes”. Walter Alves (1984) chegou a chamar o rádio de “la mayor pantalla del mundo” pelas possibilidades de compreensão e geração de significados que a sonoridade pode expressar.

A relação entre a sonoridade e a multiplicidade de linguagens, espaços e dinâmicas de circulação e interação, mantendo o protagonismo do som (LOPEZ, 2010) revelou-se, nos últimos anos, como um dos desafios centrais do meio. A adição de camadas narrativas aos produtos radiofônicos (LOPEZ, FREIRE, 2020), no entanto, revela-se ao mesmo tempo como conquista e como desafio para o campo. Se por um lado permite uma aproximação ao público jovem e uma integração à cultura da conexão (JENKINS, GREEN, FORD, 2014) e à narrativa multiplataforma, demanda de produtores e pesquisadores um olhar centrado no som, no seu lugar na própria essência do rádio (LOPEZ, 2010; LOPEZ, 2017; MEDITSCH, GOBBI, 2019).

Com isso, como dissemos, desvelam-se os rádios (no plural) como fenômenos e objetos de pesquisa, afetados por conjunturas, pelo contexto sócio-cultural, pelas práticas de consumo, pelas múltiplas linguagens e narrativas, pelos sujeitos da ação e pelos processos produtivos do rádio contemporâneo. Para olhar para este rádio, são acionados debates sobre interfaces, sobre inovações, sobre potenciais de imersividade, sobre formas de contar que têm podem ser observados a partir dos elementos auditáveis do som

(MEDITSCH, GOBBI, 2019) e, também, a partir de referentes comunicativos que o cercam, que complementam, complexificam ou diversificam as estratégias acionadas pelo rádio a partir da sua integração a redes sociais, a plataformas digitais e a um ambiente parasonoro.

O rádio como objeto de pesquisa, então, reitera seu caráter multidimensional. Embora possamos observar esta complexificação em sua definição, é fundamental compreender que a multidimensionalidade do rádio tem sido alterada, mas não está vinculada estritamente às tecnologias (KISCHINHEVSKY et al, 2017; JÁUREGUI, LOPEZ, 2021; LOPEZ, ALVES, 2019; VIANA, 2022). As dimensões dos estudos radiofônicos são múltiplas, como indicamos, desde sua origem - e foram construindo caminhos diversos em paralelo à evolução do campo. Pesquisas sobre interfaces, que trabalhavam com rádio e educação, com rádio comunitário, com o potencial social do meio, com técnicas e práticas radiofônicas, com legislação e regulação, por exemplo, não são recentes (PINHEIRO, 2021; QUADROS, 2018).

Defendemos que a multidimensionalidade do objeto radiofônico reflete a multidimensionalidade dos sujeitos que o compõem - seja como produtor, consumidor ou pesquisador. Agentes (humanos e não humanos) e contextos culturais, econômicos, sociais e tecnológicos afetam as leituras possíveis do meio e revelam novas camadas a serem observadas. Assim, dimensões temáticas e abordagens de interface assumem distintos pontos de vista, entrecruzam-se e geram olhares inovadores sobre os estudos radiofônicos. Neste sentido, observamos como eixos centrais deste redimensionamento: o som como guia da experiência (de produção, de escuta, de consumo); a integração narrativa entre elementos sonoros e parasonoros; a percepção contextual e diversa do objeto radiofônico, considerando seus lugares de ação; as tecnologias e suas apropriações nas práticas radiofônicas - incluindo as práticas de circulação e consumo - em um contexto de plataformização.

Inovações narrativas determinam uma aproximação do meio com o digital sem, no entanto, perder sua caracterização fundamental de proximidade e fala direta à audiência. A apropriação e adaptação de ferramentas e estratégias das plataformas digitais

estão entre as mudanças que, embora já iniciadas, ocupam o horizonte do meio. No jornalismo, por exemplo, a narrativa tende a incorporar games sonoros; experiências de realidade virtual com a construção de cenários imersivos acústicos; geolocalização como ferramenta informativa e de aproximação à audiência (explorando conteúdo de utilidade pública e adensamento de informações que falem mais diretamente ao público, delimitado territorialmente); personalização de conteúdo e de fruição (seja através do uso de algoritmos, seja explorando geolocalização ou perfis de consumo de informações e de formatos pelo usuário); complexificação narrativa, expandindo espaços ocupados, integrando iniciativas de jornalismo transmídia de base radiofônica e produzindo especiais multimídia e multiplataforma.

Os desafios, acreditamos, residem na inovação com objetivos, não pela simples inserção na tecnologia, na compreensão do perfil da audiência (entendo para quem se fala, não só os espaços que ele ocupa) e relativizando as condições de produção e gestão deste novo (futuro) rádio. Observamos, então, a complexificação narrativa do meio, nos formatos possíveis – ocupados ou não – e nos potenciais imersivos que eles apresentam quando vistos sob o olhar da sua relação com a audiência, em um contexto mutante.

Como lembra Gago (2008), é impossível resumir as mudanças do rádio à simples alteração das estruturas técnicas. Trata-se de um processo mais amplo, associado às dinâmicas de interação da sociedade, à cultura da convergência (Jenkins, 2006) e da conexão (Jenkins, Green & Ford, 2015). Este processo inclui os novos usos dos dispositivos midiáticos no cotidiano, a naturalização desses dispositivos como sujeitos nas relações estabelecidas pela audiência, a incorporação das tecnologias e as mutações decorrentes dela. Como indica Jenkins, é uma mudança cultural, muito mais ampla do que a eminentemente tecnológica, desenhado em um contexto sociotécnico plural (Gago, 2008). Alguns elementos desta mudança, lembra o autor, dizem respeito às novas liberdades que o rádio numérico oferece. Entre elas estão a abundância de conteúdo, a facilidade de acesso a ele, e principalmente a possibilidade de escolha do espaço e do tempo de escuta. Esta realidade não se aplica ao rádio exclusivamente hertziano, que é dependente do fluxo de programação e que constrói suas relações com a audiência e o conteúdo a partir desse fluxo. A fidelização do ouvinte incorporava o

horário de transmissão e consumo, a paralisação das atividades diárias para o acompanhamento do comunicador durante um período de tempo determinado. As tecnologias digitais mudam essa realidade. Suas práticas geram uma audiência mais ativa (Masip et al, 2015; Lopez, 2016), que dialoga diretamente não só com o comunicador, mas também com o conteúdo. Uma audiência que produz conteúdo, que contata a emissora, que comenta e corrige erros, que recircula conteúdos atribuindo a eles novos significados (Zago, 2012). Trata-se não somente de uma ecologia de mídia mais complexa, mas também mais dinâmica que leva o rádio a repensar suas práticas, seu papel e seu formato.

Neste cenário de mudanças, os estudos radiofônicos também mudam, diversificam-se, seguem de mãos dadas com o seu objeto. O avanço na construção de conceitos e abordagens metodológicas do campo tem centrado seus esforços na compreensão desta multidimensionalidade mas, acima de tudo, nas variáveis sonoras, no entendimento acústico. Como dizem Meditsch e Betti (2019), o que se pode dimensionar, dar sentido e que conduz a produção radiofônica, ainda que afetada por outros elementos. Esta diversidade é representada pelas pesquisas publicadas em periódicos e levadas ao debate em eventos como o Simpósio Nacional do Rádio. É dela que se trata este dossiê, que apresentamos a seguir.

Democracia e cidadania nas ondas sonoras

O título deste dossiê evidencia a importância da instituição rádio no contexto vivenciado na atualidade. A democracia e a cidadania são eixos centrais nas relações de poder e nas vozes que todos os dias passam pelo meio em um contexto expandido e hipermediático. As vozes são selecionadas e surgem no rádio atualmente nos seus mais distintos espaços, o que demanda diversidade e pluralidade dos atores nesse meio (CHAGAS, 2021). Seja comercial, educativa, comunitária ou nas produções audiovisuais, a mídia sonora é antes de tudo constituída pelo ser humano, por homens e mulheres inseridos em contextos profissionais, sociais, de diversidade e pluralidade de pontos de vista.

O Dossiê reuniu artigos desenvolvidos após a apresentação de resumos expandidos no IV Simpósio Nacional do Rádio, realizado em maio de 2021 pela UFMT e a Unemat de forma virtual. Além disso, outros textos foram submetidos e agregaram a este dossiê debates fundamentais sobre o momento vivenciado na sociedade. Que este espaço também se constitua como um registro histórico em tempos de desinformação e negacionismo.

Exemplo da importância desse debate está no texto que abre o dossiê de autoria do professor Luiz Artur Ferraretto, intitulado “Ponderações sobre o exercício de outorgas de rádio em um cenário de crise institucional, ameaças à democracia, instabilidade econômica e pandemia de covid-19”. O artigo propõe um “tipo ideal” para pensar metodologicamente o estudo do exercício de outorgas de rádio por emissoras comerciais. O cenário de crise institucional, ameaças ao Estado democrático de Direito, a instabilidade econômica e a pandemia da covid-19 fazem parte desse contexto em meio à responsabilidade profissional no jornalismo.

O debate segue com o professor Eduardo Medtisch no artigo “O podcast como laboratório de Jornalismo Educador: uma visão a partir de Paulo Freire”. O autor propõe uma definição de jornalismo educador considerando sua fundação pedagógica. Além de historicizar a relação entre jornalismo e educação, aponta o podcast como um laboratório de experiência sobre a perspectiva freireana da proposta.

“O rádio brasileiro no contexto da plataformização: experiências, impasses e desafios” de autoria de Elton Bruno Barbosa Pinheiro, e Nelia Rodrigues Del Bianco utilizam uma abordagem cartográfica para analisar a presença das emissoras de rádio brasileiras nas plataformas Spotify, Apple Podcasts, Google Podcasts, Deezer e TuneIn Radio. Para os autores, o contexto da plataformização nessas adaptações aos agregadores são marcadas por experiências estratégicas e integradas e ao mesmo tempo pela dispersividade das ações no meio.

O podcasting também está na análise proposta pelos autores Rafael Medeiros, Fernanda Mendonça e Nair Prata. O artigo intitulado “Vozes ainda subalternas: podcasting e lutas por reconhecimento na arena midiática” tem caráter bibliográfico e

problematiza a capacidade desse tipo de mídia em amplificar e visibilizar vozes subalternas e silenciadas. Já o artigo “Jornalismo em rádios brasileiras em ambiente digital: uma análise convergente do radiojornalismo” dos autores Valci Regina Mousquer Zuculoto, Jefferson Sousa Moraes, Gabriel Lopes Witiuk e Luís David Falcão Padilha analisam emissoras brasileiras em ambiente digital e os aspectos convergentes dos produtos radiofônicos. Por meio de uma análise documental destacam a necessidade de voltar as práticas das emissoras em espaços digitais com foco no áudio como sua singularidade fundamental.

Izani Mustafá e Daniel Martin pena realizam uma pesquisa exploratória com revisão bibliográfica para identificar, observar e escutar as abordagens de jornalismo científico em emissoras de rádios universitárias no Brasil e em Portugal. Intitulado “A programação jornalística e científica das primeiras rádios universitárias do Brasil e de Portugal em 2022”, o artigo observa as grades para analisar as programações e contribuir para o cenário de análises que identificam o protagonismo dessas emissoras durante o mês de fevereiro de 2022.

A “Trilha sonora para enfrentar a Covid-19 – Mudanças no rádio musical do Rio de Janeiro” de autoria de Helen Britto, Marcelo Kischinhevsky, mostram as formas de atuação de três emissoras musicais no período de isolamento social. Para os autores, as emissoras implementaram novas práticas e ressignificaram o fazer jornalístico, ampliando a oferta de conteúdo de serviço e de utilidade pública: “Advoga-se que há um reenquadramento do jornalismo cultural em rádio, comumente associado ao infotimento, mas que tem mudado para incorporar conteúdos noticiosos”.

O professor Paulo Fernando de Carvalho Lopes analisa “Os modos de dizer em dois spots publicitários sobre Fake News”. Ao longo do artigo, os modos de dizer são trabalhados para identificar como os enunciadores dos produtos constroem os referentes sobre fake news. Já Sergio Quiroga por meio do artigo “Mídia local híbridos, rádio, audiência ativa e jornalismo precário” tem como foco o caráter localizado na província de San Luis, Argentina. Segundo o autor, a relação com o desenvolvimento da web e das redes sociais oferecem pontos de vista alternativas ao poder político e econômico hegemônico.

A importância do rádio local continua no texto da pesquisadora Lidia Paula Trentin intitulado “A comunicação entre ouvintes e emissoras da região Celeiro (RS)”. A autora verifica no artigo como se dá a comunicação entre o público por meio das interações entre os ouvintes e as emissoras AM 620, Província FM 100.7, Difusora AM 1350 e Querência FM 89.7. A autora identifica que no caso dessas emissoras a ligação telefônica ainda é uma das principais formas de contato com as produções, além do WhatsApp e comentários nas páginas oficiais no Facebook.

Ainda nesta temática, “A interação no rádio pelo Facebook: uma análise das mensagens enviadas pelo ouvinte/internauta nas lives do programa Toque Esportivo” de Bruno Balacó também contribui para pensar as relações entre o público e as emissoras. O estudo de caráter exploratório e qualitativo identifica os principais assuntos abordados e que são recorrentes nas mensagens enviadas pela audiência.

No último eixo de discussão do dossiê estão presentes a comunicação comunitária, sobre os movimentos sociais e de resistência como temáticas centrais de abordagem. No artigo “Podcast, comunicação digital e comunitária: um estudo de caso do ‘Quarentena Zero98’”, os autores Jefferson Saylon Lima de Sousa, Melissa Silva Moreira Rabelo e Marcio Carneiro Santos trabalham as características da comunicação digital e comunitária no caso da mídia podcast. Já Katia de Lourdes Fraga e Lucas Zini Ribeiro refletem sobre “Os movimentos sociais e a democratização do direito à expressão no rádio” com suas produções radiofônicas com viés comunitário e a contribuição dessas novas vozes contra-hegemônicas para o debate público, a democracia e o exercício da cidadania. Por fim, Rosa Luciana Rodrigues e Luciana Miranda Costa no artigo “Vozes da resistência: a Rede de Notícias da Amazônia e o protagonismo indígena” exploram a cobertura das manifestações dos povos indígenas durante a votação do marco temporal no STF.

Por fim, o dossiê apresenta a entrevista “Os foras da lei do espaço eletromagnético: as rádios livres sorocabanas pela perspectiva de Paulo Stecker” de autoria de Felipe Parra e Luciano Victor Barros Maluly. Na entrevista, os autores procuram informações sobre o movimento de rádios livres e características das emissoras clandestinas na visão do radialista. Já o especial visual da revista é de

autoria de Graziela de Mello Viana e João Antonio Valle Diniz com o ensaio verbovisual da obra “Cuboesia: a voz poética do metal”: “A obra reúne arquitetura, escultura, som e poesia em uma land art com fluxos que convidam a entrar na poesia (...) Feito de metal proveniente da mineração e da siderurgia, Cuboesia denuncia o descaso e a demagogia ambiental nessa composição metálica e sonora”.

Como destacado no início, o dossiê se apresenta como espaço de reflexão sobre a importância do rádio, do podcasting e das mais diversas manifestações sonoras em um momento crítico vivenciado pelo país. Os tempos de negacionismo, desinformação e de mais de 600 mil mortes pela covid-19 também se toram momentos de resistência pela ciência e pelo trabalho nas universidades. São mais 30 anos de pesquisa em rádio e mídia sonora que evidenciam o compromisso de pesquisadoras e pesquisadores com a sociedade brasileira, com a ciência e com a democracia.

REFERÊNCIAS

- Alves, W. O. (1984). *Radio: la mayor pantalla del mundo*. Quito: Ciespal.
- Balsebre, A. (2007). *El Lenguaje Radiofónico*. Madrid: Ediciones Cátedra, S.A.
- Chagas, L. J. V. (2021). A seleção das fontes no rádio expandido. Cuiabá: EdUFMT.
- Del Bianco, N. R.; Zuculoto, V. R. (2021). 30 anos de pesquisa coletiva no GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom. *Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora*, v. 12, n. 2, p. 82-109.
- Faus Belau, Á. (2001). Reiventar la radio. *Revista Latinoamericana de Comunicación Chasqui*. n. 074.
- Fernández, J. L. (dir). (2008). *La construcción de lo radiofónico*. Buenos Aires: La Crujía.
- Ferraretto, L. A. (2001). *Rádio: veículo, a história e a técnica*. Porto Alegre: Sagra Suzzato, 2001.
- Ferraretto, L. A.; Kischinhevsky, M. (2010). Rádio. In: *Enciclopédia Intercom de Comunicação*, v.1.
- Fidler, R. (1997). *Mediamorphosis: Understanding New Media*. Thousand Oaks: Pine Forge Press.
- Gago, L. (2008). La radio du XXIe siècle: à la rencontre d’Internet. *Médiamorphoses*, 23, pp. 127-132.
- Gambaro, D. (2019). *A Instituição social do rádio: (Re)agregando as práticas discursivas da indústria no ecossistema midiático*. Tese (Doutorado em Meios e Processos Audiovisuais) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo. doi:10.11606/T.27.2019.tde-23072019-105047.
- Haussen, D. F. (2016). O Rádio em Teses e Dissertações dos PPGs em Comunicação brasileiros (2002-2012). In: Zuculoto, V., Lopez, D. C.; Kischinhevsky, M. *Estudos Radiofônicos no Brasil—25 anos do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom. Coleção GPs (Grupos de Pesquisa)*, v. 22. São Paulo: Intercom.

- Jáuregui, C.; Lopez, D. C. (2021). Sonificação de dados: uma aproximação metodológica. Anais do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, online.
- Jenkins, H. (2006). Cultura da convergência. São Paulo: Aleph.
- Jenkins, H.; Green, J.; Ford, S. (2014). Cultura da Conexão: Criando Valor e Significado Por Meio da Mídia Propagável. São Paulo: Aleph.
- Kischinhevsky, M. (2016). Rádio e mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, v. 1. 152p.
- Kischinhevsky, M.; Lopez, D. C. A (2019). emergência dos smart speakers: desafios e oportunidades para o rádio no contexto do big data. Observatorio (OBS*) Journal, 125-141.
- Kischinhevsky, M.; Lopez, D. C.; Mustafá, I.; Freire, M.; Consciente, P.; Lopes do Couto, L. (2021). A inserção dos estudos radiofônicos e de mídia sonora na pós-graduação em Comunicação no Brasil . Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora , v. 12, n. 3, p. 6-27.
- Kischinhevsky, M., Benzecry, L., Mustafá, I., De Marchi, L., Chagas, L., Ferreira, G., Victor, R., Viana, L. (2017). A consolidação dos estudos de rádio e mídia sonora no século XXI –Chaves conceituais e objetos de pesquisa. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação (RBCC), Intercom, São Paulo, v. 40, n. 3, p. 91-108.
- Lopez, D. C. (2016). (Re)Construindo o conceito de audiência no rádio em cenário de convergência. In: Zuculoto, Valci; Lopez, Debora; Kischinhevsky, Marcelo (eds). Estudos radiofônicos no Brasil — 25 anos do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom. São Paulo: Intercom.
- Lopez, D. C.; Alves, J. (2019). Apontamentos metodológicos para a análise de podcasts seriados. Anais do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Universidade Federal do Pará, 2 a 7 de setembro.
- Lopez, D. C.; Freire, M. (2020). Inovação e narrativa multimídia em podcasts: um estudo de caso de Strange Bird. Temática - Revista eletrônica de publicação mensal, v. XVI, p. 59-75.
- Lopez, D. C. (2017). La radio en narratives immersives : le contenu journalistique et l’audience. Cahiers d’histoire de la radiodiffusion, v. 132. pp. 103-116.
- Lopez, D. C. (2010). Radiojornalismo hipermidiático: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica. Covilhã: LabcomBooks.
- Martins, M. de L. (2015). Uma nova frente de pesquisa luso-brasileira –A Rádio e os meios sonoros na construção da comunidade lusófona de Ciências da Comunicação. In.: Oliveira, M.; Prata, N. (org.).Rádio em Portugal e no Brasil: trajetórias e cenários. Braga, Portugal: CECS –Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho.
- Martins, M. de L. (2015). Uma nova frente de pesquisa luso-brasileira –A Rádio e os meios sonoros na construção da comunidade lusófona de Ciências da Comunicação. In.: Oliveira, M.; Prata, N. (org.).Rádio em Portugal e no Brasil: trajetórias e cenários. Braga, Portugal: CECS –Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho.

- Masip, P.; Guallar, J.; Peralta, M.; Ruiz, C.; Suau, J. (2015). Audiencias Activas y Periodismo: ¿ciudadanos implicados o consumidores motivados? *Brazilian Journalism Research*, 1; 1; p. 240-261.
- Meditsch, E. (Org). (2005). *Teorias do Rádio - Vol I*. Florianópolis: Insular.
- Meditsch, E.; Zuculoto, V.(Org). (2008). *Teorias do Rádio - Vol II*. Florianópolis: Insular.
- Meditsch, E. (2010). A informação sonora na webemergência: sobre as possibilidades de um radiojornalismo digital na mídia e pós-mídia. In: Magnoni, A. F.; Carvalho, J. F. de (Org.). *O novo rádio: cenário da radiodifusão na era digital*. São Paulo: Senac, p. 203-238
- Meditsch, E. (2019). *O rádio na era da informação: teoria e técnica do novo radiojornalismo*. Florianópolis: Insular, 2001.
- Meditsch, E.; Gobbi Betti, J. (2019). Os elementos sonoros na análise da informação radiofônica: em busca de métodos. *Anais 16o SBPJOR*. Goiânia.
- Moreira, S.Virgínia. (2005). Da memória particular aos estudos acadêmicos: a pesquisa sobre rádio no Brasil. In: Bragança, A.; Moreira, S. V.(org.). *Comunicação, acontecimento e memória*. 1 ed. São Paulo: Intercom.
- Pinheiro, E. B. B. (2021). Memória e perfil das contribuições do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom para os estudos sobre o Serviço Público de Radiodifusão Sonora do Brasil. *Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora* , v. 12, n. 2, p. 110-134.
- Poell, T.; Nieborg, D.; Van Dijck, J. (2020). Plataformização. *Fronteiras – estudos midiáticos*. V. 22, n.1.
- Prata, N. (2012). *WEBradio: Novos Gêneros, Novas Formas de Interação*. Florianópolis: Insular.
- Prata, N. (2021). Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora – 30 anos: O lugar dos estudos radiofônicos e desafios de pesquisa. *Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora* , v. 12, n. 2, p. 47-81.
- Prata, N.; Bianco, N. (2016). Perfil do ensino do rádio no Brasil. In: Zuculoto, V. ,Lopez, D. C.; Kischinhevsky, M. *Estudos Radiofônicos no Brasil–25 anos do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom*. Coleção GPs (Grupos de Pesquisa), v. 22. São Paulo: Intercom.
- Quadros, M. R. (2018). *O lugar do ouvinte nas narrativas radiofônicas: concessão de voz e critérios de acionamento dos ouvintes-enunciadores*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, UFSM, Santa Maria..
- Salaverría, R.; Negredo, S. (2008). *Periodismo integrado: convergencia de medios y reorganización de redacciones*. Barcelona: Editorial Sol 90.
- Scolari, C. (2015). *Ecologia de los medios*. Barcelona: Gedisa.
- Viana, L. (2022). *Jornalismo narrativo em podcasting: imersividade, dramaturgia e narrativa autoral*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, UFJF, Juiz de Fora.
- Zago, G. (2012). Circulação jornalística potencializada: o Twitter como espaço para filtro e comentário de notícias por interagentes. *C&S – São Bernardo do Campo*, 34, 1, p. 249-271.
- Zuculoto, V. R. M. (2016). A história do campo acadêmico e os 25 anos de estudos radiofônicos no Brasil. In.: Zuculoto, V.; Lopez, D.; Kischinhevsky, M. (Org.). *Estudos Radiofônicos no Brasil-25 anos do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom*. São Paulo: INTERCOM.